

Lições Sobre a Psicose

Marcus André Vieira

A Feroz certeza de Wittgenstein¹

Ferocidade talvez não seja o melhor termo para descrever o que pretendemos discutir hoje, ainda que seja o termo que Lacan tenha escolhido. Lacan nos fala de ferocidade psicótica. "A gente encontra no Wittgenstein uma ferocidade psicótica". Vamos logo situar ao lado disso, outra coisa, pois com o termo ferocidade vamos nos enveredar por caminhos que não são os caminhos que Lacan quer nos levar.

Do lado da ferocidade coloquemos outro nome que aparece na lição Verdade irmã do Gozo, do seminário 17 de Jacques Lacan, certeza. Lacan fala: "É impressionante que no meio universitário inglês um sujeito como Wittgenstein tenha tido emprego", ou seja, tenha sido considerado doutor honoris causa, praticamente, e tenha sido convidado a trabalhar, porque "ele tinha aquela conjunção psicótica entre o discurso mais seguro que alguém pode ter e uma presença chocante desse próprio discurso". Então, essa idéia do discurso mais seguro que alguém pode ter que muitas vezes chamamos de convicção delirante será nossa lição da psicose hoje.

Se há algo evidente na neurose é que nunca algo é pra valer, nada é completamente pra valer. Nada é absolutamente perfeito e total. Essa completude é a ilusão com a qual sonhamos. Se nós pudéssemos imaginar como seria esse encontro com a verdade absoluta, seria o encontro com a psicose. Mas o problema que se pode encontrar nessa certeza, na convicção delirante, é situá-la como produção aberrante. "Essa certeza é patológica, ela é uma certeza quase que orgânica ela é uma disfunção da maquina que agarra o sujeito nesse lugar" poderiam dizer. Por isso que precisamos fazer esse jogo com Wittgenstein para destacar, inclusive nos nossos preconceitos, algo dessa certeza de uma vivência delirante. Em que sentido o delirante da convicção é algo que produz a convicção? E não algo responsável por uma convicção doentia e por isso exagerada. Não será algo quantitativo e sim qualitativo. A dignidade da Estamira, por exemplo. Há uma coisa muito forte na dignidade daquela mulher que nos leva para uma certeza que não é patológica. Mesmo porque nem todos os psicóticos são seguros do que falam, e também não precisam ser o tempo todo é muito mais a qualidade de uma certeza que você encontra e que se pode dizer que isso não se encontra em todo lugar.

Desse modo, diante da nossa vida de incertezas há essa certeza da psicose. Mas a questão é: Como essa certeza vai, no nosso sentido, se inscrever na vida? Se nós dissermos que ela é patológica ela não se inscreve na vida, ou se escreve como excrescência. Ou seja, precisaríamos tirar essa certa para que algo possa se dar. Então, Haloperidol nele para "amolecer" essa certeza, essa crença absoluta que ele é Napoleão. "Amolecida a crença ele é neurótico como nós, deu-se a cura." Como faremos para esquivar dessa saída?

Precisamos considerar a relação entre essa certeza e o lugar que ela vai ocupar na vida do sujeito. Se Estamira consegue manter o discurso dela que é "Eu transbordei e causei uma tempestade". Com certeza essa certeza dela passou para o Outro. Mas não é todo mundo que irá fazer desse jeito. O caso do Wittgenstein não precisou de um documentário, por exemplo.

Vida e lógica

A vida dele é estranha. Ele levou a certeza para o próprio pensamento, para o próprio trabalho. Ele constrói todo um sistema pautado numa ferocidade implacável,

¹ Sexto Seminário do Curso Lições Sobre a Psicose da EBP-Rio, ministrado em 27 de setembro de 2007

uma certeza absoluta de não deixar pedra sobre pedra até ele chegar aonde ele se propõe. Isso não é qualquer filósofo que vai conseguir. É isso que vai transformar o Wittgenstein numa exceção.

Lacan fala: "O passo de Wittgenstein nos impressiona por mostrar como uma consideração lógica pode passar para vida do sujeito". A consideração lógica é a vida dele e a vida dele é a consideração lógica. Não é o que acontece na neurose onde a consideração lógica fica de um lado e vida de outro. Quer-se viver integradamente, mas como nunca é pra valer totalmente quando eu estou fazendo filosofia estou fazendo filosofia e quando estou vivendo eu estou vivendo. (macumba e lógica)

Uma certeza antecipada no sentido que a certeza vem antes, mas temos que insistir que essa certeza que vem antes, no depois, ela produz todo um sistema. Ela não fica fora, como algo que só interessaria ao sujeito. Por exemplo, essa verdade do Wittgenstein desmonta o Bertrand Russell, e com um mundo de elucubrações filosóficas. É uma espécie de demonstração viva, nos termos de Lacan.

Qual é demonstração viva? As questões são qual o lugar e que função terá a verdade. Até que ponto pode-se dizer alguma coisa sobre a verdade. Até que ponto é posso dizer alguma verdade e essa mesma coisa que diz a verdade ser verdadeira? É quase impossível se fazer esse tipo de movimento.

Primeiro a idéia de que existe a possibilidade de uma verdade que vai anunciar certo fato, uma vez que o fato que essa verdade anuncia é anunciado por uma proposição. Essa proposição que se usa é verdadeira enquanto o fato for verdadeiro. Eu posso demonstrar que esse fato é verdadeiro donde essa proposição for verdadeira, mas não se pode mostrar que essa proposição é verdadeira em si. Ela dependerá sempre da circunstância e do local onde essa verdade se produz. Então, não há proposições que possam ser anunciadas sobre a verdade como uma coisa geral. Ele tenta no *Tractatus Logico Philosophicus*, um livro inteiro onde, simplificada, ele se pergunta "Como e eu posso enunciar proposições universais sobre a verdade como um fato universal, e não verdades locais". Até chegar ao fato de que é impossível, pois a proposição que anuncia um fato universal não tem sentido nenhum.

O que é uma verdade universal? Se existe um impasse numa discussão, os dois discutem os dois consideram os dois tem argumentos. Exemplo. Um está defendendo a internação do paciente mesmo que seja a revelia e o outro está defendendo a liberdade dele, porque a autonomia é sagrada. Conflito entre duas séries de proposições que se sustentam. Pode-se chegar e anunciar uma verdade que vai resolver o impasse. Diz-se, por exemplo, "essa discussão é muito importante, mas a autonomia do sujeito deve ser preservada", ou "A singularidade do sujeito deve ser preservada". A partir dessa singularidade tudo se organiza, aí um tem razão e o outro não, porque um não estava guardando o lugar da singularidade do sujeito. Mas a singularidade, como eu posso definir que isso é uma verdade? Na melhor das hipóteses eu vou sempre ao infinito, pois sempre se buscará uma outra proposição para defender essa primeira.

Vamos supor que a singularidade é a raiz de todas as crenças e que todas as verdades repousam sobre esse axioma. Quando eu falar essa proposição, a única maneira de defendê-la é só repetindo-a. Não se tem mais nenhum lugar para pedir ajuda. Então, é porque é. É absolutamente tautológica. Dessa forma, não há proposição que faça sentido sobre a verdade porque ela é e todas são tautológicas.

Escada

Voltemos, Wittgenstein é um sujeito milionário, herdeiro dos Vineneses, ele se alista na Segunda Guerra Mundial e atua numa das coisas mais perigosas, uma espécie de barco observando as margens, numa posição bastante vulnerável, acaba preso na Itália e escreve o *Tractatus Logico Philosophicus* nos campos forçados. No final ele chega a esse ponto e uma frase famosa: "O que não deve ser dito deve ser calado". Basicamente isso, essa verdade que não pode ser dita deve ser calada. Chegou-se num

ponto do silêncio.

Então pra que serviu tudo isso. Se se montou um mundo de proposições absolutamente lógicas para mostrar se é possível uma proposição verdadeira em vários mundos e chega ao silêncio. Então, ele diz uma outra frase famosa: "O meu livro é uma espécie de escada e depois que você sobe percebe-se que ela só servir para subir". A escada pode ser jogada fora.² (lembra muito a idéia do banquinho do Joyce).

O enunciado dele sobre o próprio livro é muito interessante. Eu não fiz nenhuma grande obra para o mundo, pelo contrário, eu cheguei ao impasse, me serviu de escada, mas agora essa escada tem que ser jogada fora. Poderíamos perguntar: O *Tractatus* serve para alguma coisa? Serve para descrever da mistificação metafísica. Serve para ver, de uma vez por todas, não vale a pena salvar a verdade que, nos termos de Lacan, é tudo que a filosofia faz. Ou seja, filosofia é salvar a verdade de alguma maneira. A verdade nesse sentido de existir algo maior que nós que nos organiza e legisla as condições de verdade sobre vários mundos possíveis.

Então, nada de salvar a verdade e foi isso que Wittgenstein fez, com essa ferocidade para chegar a algum lugar. Chegou a lugar algum e mais interessante, a vida acompanha. Então ele não vai continuar dando aula sobre isso que ele acabou de dizer que tem que calar. Ele escreve o livro e vai ser jardineiro, professor de escola primária tudo isso sendo milionário.

Muito depois que ele vai³ para na universidade porque pegaram o livro dele escrito em 1921 e o convidaram. Ele vai com o Bertrand Russel. Mas gora, temos que falar se quisermos dar conta do caso, no fato de que, num primeiro momento ele abandona e depois ele volta. O famoso primeiro e o segundo Wittgenstein.

E o segundo, que Lacan aparentemente nunca leu, está mais próximo da nossa área, vai partir justamente do ponto que ficou para destruir de outra maneira o que ele mesmo tinha construído. Uma grande demonstração que serviu de escada, agora nem mais essa demonstração serve. E nem escada. As proposições não precisam se encaixar assim. Tem-se jogos locais de verdade desde que se jogue esse jogo, que você seja íntimo daquele jogo a verdade produz ali o que dever ser feito é localizado ali.

Jogos de linguagem

A absoluta ferocidade dele num primeiro tempo (se é possível sustentar a verdade) não ficou nada remoída com a impossibilidade da verdade. Depois um trabalho para demonstrar que a idéia mesmo de tentar demonstrar uma verdade já não faz sentido. E agora o importante é pensar uma vida navegando em diferentes localizações da verdade.

No primeiro Wittgenstein caminhou-se no sentido de um silêncio, grande sistema de proposições que falam do mundo inteiro chega ao silêncio, no segundo tem-se proposições sempre locais⁴. Agora há muito a se dizer, mas a idéia de um retorno agora

² O banquinho é um pouco isso, produzir alguma coisa que me serve, não sabe se poderá ser utilizado pelos outros, pode ser que sim.

³ Diz-se que ele nunca deu aula, ele ficava em casa os alunos iam, eles que traziam as cadeiras ele ficava sentado, falava o que ele tinha que falar e fim. Então não era exatamente alguém que aderiu a vida universitária e se tornou professor.

⁴ Vocês entendem com isso também é um sucesso. O nosso mundo é feito de proposições locais. Isso tende a fazer sucesso, por exemplo, se você vai, Nos estados unidos, se você é negro e é nascido na tasmânia você tem o jornal para os negros nascidos na Tasmânia. Se você é transformistas você tem o grupo dos transformistas. Cada um com sua diferença. E cada diferença vivida na verdade da comunidade sem nenhuma relação com a verdade da outra. Radicalizando, o nosso mundo de hoje é o mundo do Wittgenstein que escreveu as Investigações Filosóficas.

sobre uma idéia de pensar e escrever e ensinar com relação a esse sistema que é justamente a explosão de todos os sistemas. É isso que vai movê-lo nos termos de Lacan com uma certeza feroz Wittgenstein. Dá para perceber que essa certeza não tem nada a você com a idéia de uma causa. Qual é causa? Nossa certeza é muitas vezes assim "Vou buscar uma causa".

A primeira certeza, porque agora temos que fazer a lista das certezas para comentar com relação a Wittgenstein. É a certeza da crença, a crença nos ideais, eu acredito numa verdade maior. Essa anda bastante fraca⁵. Então a crença como uma entidade maior não exatamente a base desse nosso novo mundo. Então o segundo Wittgenstein - e o primeiro não estava buscando a verdade ele estava testando a verdade. Algo do tipo "Vocês dizem que existe a verdade possível se os sistemas filosóficos buscam algum tipo de ancora no ser que possa falar alguma coisa em diferente local eu vou tentar mostrar isso" talvez ele pensasse. É muito mais uma exigência de rigor e em nenhum momento há um tipo de vertigem ou dúvida do tipo "Eu estou destruindo a filosofia, será que eu continuo?".

No segundo isso é muito mais visível. Se nós mantivermos essa ferocidade no ar, quando passarmos para o segundo Wittgenstein, nós iremos nos assustar. Como um modelo teórico achamos interessante não ter essa crença universal, elas são locais. Mas na hora da clínica isso pode ser um problema.

Jogos de linguagem meaning is use colocar aqui.

Em outras palavras, que outros regimes de verdade⁶ teremos? Outros apoios? Essa é uma questão que está aberta e existem respostas para isso sem passar pela verdade universal.

A certeza da Crença

A primeira sabemos que é possível haver clínica com a crença. Sim. Pelo menos a entrada em análise sim. O sujeito suposto saber funciona, ele tem efeitos terapêuticos. Só o fato de estar ali fazendo algo, já melhora muita coisa, mas não só isso. Mas bem sabemos que o horizonte de uma análise é que isso caia. Como isso vai cair? Por isso que nossa discussão importa. Para situar não apenas na psicanálise do consultório, é preciso pensar que no encontro com o psicótico se ele não tem essa crença, e se é isso que define - recusa da crença - *unglauben*. Se ele está fora do regime de crença eu não vou poder acessá-lo buscando aquilo que ele pode acreditar comigo. Não haverá crença compartilhada. Eventualmente sim, mas eu não posso apelar para grandes valores, já que ele está construindo os valores da existência do mundo inteiro. Ele sabe mais os valores do mundo do que eu. Eu posso me submeter, mas se eu me submetiver aos valores dele como que se pode guiar o tratamento se eu considero que na verdade, em princípio, eu tenho uma verdade melhor?

Estamos animados num mundo pós-moderno em que todos os regimes de crença

⁵ Talvez no nosso campo específico da psicanálise ainda tenha, afinal somos os "últimos remanescentes dos apóstolos da crença" costumamos chamar isso de suposto saber. Não é exatamente a tônica do nosso mundo que você vá a algum lugar e que se acredite que o sujeito sabe alguma coisa de você que ele não diz o que é, que ele não mostra nada, que ele não tem nada publicado nada para publicar os efeitos, você paga e ainda continua indo toda semana, e ele não fala nada. Isso não é muito comum nos nossos dias. Não pensem que isso é um absurdo em si. É um absurdo nos nossos dias. Porque há 50 anos não era. A idéia de que o médico tinha que explicar o que ele faz. Isso era uma coisa lesa-majestade. Um professor maltratado na sala de aula. Nesse mundo há 50 anos fazia sentido que alguém só ficasse perto, no silêncio. Para pensar que talvez viesse uma palavra a iluminar. Não é o nosso mundo. Ele não tem essa idéia de que há algo a se descobrir em outro lugar.

⁶ Cada vez que estamos falando de verdade nós não estamos falando nada além daquilo que baliza nosso ato. Então não é verdade como uma discussão essencial e metafísica. Se eu tiver uma verdade eu sei o que devo fazer. Eu busco uma certa posição do meu ato a partir do que eu sei. O que se acha que ele pode causar como efeito. Então sem essa discussão sobre a verdade poderíamos mudar de termo. Até que ponto poderia haver a clínica sem a idéia de uma coisa é melhor que a outra.

locais são válidos desde que não interfiram um com os outros. Salta os olhos a questão. O que vai organizar isso? Como estabelecer um parâmetro universal num mundo onde se recusou os parâmetros universais da crença? Dessa forma, opomos claramente os islâmicos a isso. Ali não é a crença que fecha a discussão de tudo e não há discussão sobre a crença. No mundo ocidental judaico-cristão ficamos com a pluralidade da crença. Uma possibilidade disso é, vamos entrar num consenso. Fazemos uma votação e quem tiver o maior número leva.

Usando o exemplo. Se nós temos uma pluralidade dos sexos. E é preciso abrir banheiros no cinema. Quantos banheiros eu vou abrir? Dado que os sexos não estão muito bem definidos e que cada comunidade vai reivindicar o direito a ter o seu banheiro. Como definiremos uma hierarquização sobre os sexos para definir quantos banheiros devem ser abertos. Afinal o dinheiro só dá para cinco. Na verdade nem é dizer quantos serão abertos, só tem cinco quem vai em qual? Estamos nesse plano. Não tem nem a verdade do próprio corpo. A verdade universal do fato que eu tenho a biologia de um modo. E nós sabemos que a ciência corre para esse caminho para tentar encontrar isso. Mas mesmo os genes enganam porque se pode ter o fenótipo de um determinado modo. Então, consenso.

E o consenso também vai ser arrasado pelo Wittgenstein. "eu não posso ter consenso com os diferentes parâmetros de verdade". O que se pode é navegar em cada submundo desses. Trazendo uma simplificação. Não dá nem pra imaginar que existirá um consenso entre os jogos de linguagem. Se um jogo é tal você pode jogar o jogo, dentro dele você saberá exatamente o que é verdade e o que é mentira, mas aquele jogo não vai te ensinar nada para o outro.

Pragmática e Pragmatismo

Então surge a questão do pragmatismo, já que não há ideologia comum, já que não há verdade compartilhada universal. Funcionou usa-se, não funcionou descarta-se. Agora, como que eu vou saber separa aquilo que funciona daquilo que não funciona. Depende de certos valores. Os valores vão entrar pela janela. O sujeito que diz eu não tenho ideologia, ele tem a ideologia de não ter ideologia. Pensem nos nossos políticos. "eu sou alguém que faz".

O problema não é que isso seja uma imbecilidade. O problema é que isso funciona, eles fazem. Precisamos dar conta disso: O que é que produz num sujeito que se diz pragmático um certo fazer que funciona. Essa tal ferocidade vai nos explicar o que faz com que alguém que é pragmático pareça realizar mais coisas do que alguém que é movido por uma crença, por ideal, pelo consenso. Isso é vital pra o nosso mundo.

Por que será que a gente vota em alguém da qual se diz "rouba, mas faz"? É um pouco definição do pragmático. Existe esse argumento no Brasil e ele funciona. Isso é a marca dessa ideologia da não ideologia. Então nossa pergunta é: Porque essa ideologia funciona mais que as outras? Mas levemos em conta o que falamos, a saber, que essa não-ideologia é uma ideologia. Em suma, O que é essa ferocidade pragmática?

Poderíamos opor Pragmatismo e Pragmática. Pragmática seria do Wittgenstein enquanto pragmatismo seria do Maluf. É possível se fizermos a diferença entre finalidade e uso. O Maluf é pragmático no sentido de ter finalidades como eleger-se. Finalidade dada eu a realizo⁷. Então nós estamos numa dificuldade como psicanalistas. Estamos num mundo pragmático, plural e relativista e nós precisamos, para salvar aquilo que chamamos de clínica, alguma coisa do universal, da qual não se pode falar. Por que a

⁷ Então aquela discussão que concerne à funcionalidade das terapias cognitivo-comportamentais. Funcionam para quem? Não iremos entrar nessa discussão, mas funciona para aquilo que está previsto. Um sujeito que aceita o contrato e que depois realiza aquilo que o contrato previa, funciona. Mas o sujeito que não aceita contrato não se sabe bem para onde ele vai.

crítica⁸ é feroz a Freud e a leitura que Lacan fez de Freud quando ela parece fazer uma espécie de metafísica fálica, ou quando fala do desejo.

O uso traria para gente uma espécie de nobreza ao gesto pragmático porque ele não visaria apenas à finalidade, não seria isso que definiria o ato ele não será apenas a realização de algum fim por razões escusas. O ato pragmático é saber usar um jogo de linguagem. Então o funcionamento do pragmatismo é dentro do jogo saber jogá-lo. Assim que seria o modo que Wittgenstein definiria pragmática, se ele fosse definir. O mais nobre diz então, se o grupo reconhece que você está jogando direito, então você está jogando direito. Se eu estou usando direito eu sei o que é o sentido da coisa.⁹ Isso tem um efeito pragmático muito grande, mas ao mesmo tempo a gente não pode arrancar isso de Wittgenstein e esquecer para ele isso não tem valor nenhum no sentido de mudança de vida, ele nem propõe nada. Talvez algo do tipo, "se você ficar jogando vários jogos você vai se curando um pouco da crença da metafísica" não tem nenhuma proposta, não tem nenhum horizonte.

A distinção uso e finalidade não se sustenta muito tempo. Muitas vezes o que a gente chama de finalidade é só o uso. E às vezes este se confunde com aquele. É um pouco didático.

Então este é nosso problema. Existe um argumento totalmente contra o universal, mas e nós precisamos dele para trabalhar. Sem algum universal a gente pode trabalhar? A resposta do Lacan vai ser "podemos trabalhar sem o universal e ao mesmo tempo podemos pensar a pragmática de algo não-universal que não é uma pragmática".

Ele vai definir o pragmático com relação à psicose, não que o pragmático seja psicótico. Mas o pragmático é aquele que está fora do jogo. É o contrário da idéia do jogo - quanto mais ele jogar, mais ele está dentro desse pragmatismo (ping-pong, tênis, por exemplo). Não é porque ele está dentro do sistema que ele tem mais valor de pragmático e sim porque ele está fora. E o caso do Wittgenstein vem a explicar isso muito bem porque ele foi quem mais conseguiu detonar a lógica porque ele está fora do sentido. O exemplo do Maluf. Porque ele constrói ponte? Porque ele não se importa com as pontes. Porque ele faz tão bem, porque fazer não é tão importante para ele. Tem alguma coisa do estar fora do sistema que faz jogar o jogo melhor do qualquer um.

Fora dentro

Temos que entender porém o que seria esse fora do sistema que não é exatamente fora. Ele está no uso, segundo Wittgenstein, está portanto no sentido, mas não está. É fora dos sentidos no sentido do jogo da crença. É sempre alguém que está de fora dos nossos

⁸ Nasceram as críticas como "Mas porque todos têm desejo? O psicótico, na África não teme na China é diferente". Mas continua a se falar do Desejo. Mas isso funciona enquanto várias pessoas acreditam na história do desejo. Se isso começa a ficar plural demais teremos que achar outro jeito de transmitir o universal da psicanálise que não apelando para o sujeito, O desejo. Que é a mesma coisa que falar daquela palavra de ordem que vai chegar: a liberdade, a cidadania. Nós não temos com definir o sujeito, o desejo e a liberdade sem cair na tautologia. O próprio Wittgenstein critica Freud. – "Isso é uma espécie de metafísica disfarçada. Você pede que o sujeito fale de seu sonho e arranja um ponto onde ele é sensível, cria uma toda referência simbólica a partir dele referendo uma espécie de universal do chapéu pontudo como um símbolo fálico que é uma criação da sua cabeça. Isso tudo é uma grande tautologia. Quem disse que necessariamente o chapéu pontudo é símbolo fálico. Então ele, Wittgenstein, prossegue. É uma leitura superficial, sem a contribuição de Lacan. Na outra geração temos Derrida "arrasando" com Lacan porque empresta a ele uma espécie de metafísica. "Você diz que toda carta chega a sua destinação, mas a carta é justamente aquilo que não chega a lugar nenhum, nós estamos perdidos nesse mundo sem nenhuma verdade absoluta" E "Você diz que a carta sempre traz um sentido sexual, um sentido fálico, isso é um delírio metafísico" Gente muito séria trabalhou para detonar isso, que é um texto do Lacan com uma preocupação clínica.

⁹ Uma das armadilhas a verdade e você conseguir dar o sentido de uma coisa. Quer saber o que é o vermelho em sua essência. O primeiro Wittgenstein quebra a cabeça com isso, por exemplo. O segundo Wittgenstein responde, a gente não sabe o que é o vermelho nem nunca saberá, nunca saberá qual é o sentido do vermelho a essência do vermelho. O que a gente sabe que dependendo da tonalidade todo mundo diz que é. Então isso é o sentido do vermelho.

valores que chega e resolve. Não é? Mas não é porque ele é pragmático e sim por que ele está fora do seu sistema.

É, em termos, uma oposição do ideal - crenças que organizam os atos e agente busca um sentido maior para definir uma coisa que é difícil definir. Em vez de buscar o sentido maior fora (porque ele está sempre fora) a gente se entende dizendo que a liberdade do sujeito está preservada. No sentido que ficou fora permite que se defina. Isso que agora está esvaziado o que se faz? Chama-se um auditor ou um Counsellor. Pede-se para alguém que está fora e pede para ele definir. Não porque ele está falando em nome de uma coisa superior como Davi, Salomão, um grande juiz. Não. É alguém que vai definir porque ele está fora. Inclusive do sistema de crenças nossas. Esse é o segredo da ferocidade psicótica, da certeza. O que são os terroristas? Não é que eles acreditam demais no ideal é que eles querem intervir em outro lugar, a bolha americana, e aí não importa muito para o que está acontecendo. Mas se agente usar essa ferocidade psicótica para pensar esse fenômeno, ele parece mais interessantemente abordado. Quem fala sobre isso é o Zizek. Nós estamos elouquecidamente numa bolha americana acreditando nessa pluralidade de modo que tudo que está fora dessa pluralidade não existe. Você tem direito a sua diferença desde que sua diferença concorde em sentar no banco da escola do lado da minha. Você tem direito a sua diferença, quantos sexos quiserem ter, desde que os sexos usem o mesmo banheiro. Ou todos os banheiros. Agora se um dos sexos vier e disser: " Só eu tenho direito a banheiro, os outros tem que ficar fora daqui, na rua." Haverá problema. Então tem uma falácia aí nesse "aceitar a diferença". Ou seja, se aceita as diferenças que aceitam o jogo das diferenças. A diferença que considera que não é diferença na verdade você que é um animal, um doente. Essa não se aceita porque acaba com o sistema. Existe uma certa violência. É alguém de fora desse mundo globalizado que consegue detonar esse mundo. Ele faz algo impensável. Há, assim, um esvaziamento de todo *pathos* dessa realidade para poder pensar isso.

Aprendemos um pouco sobre o pragmatismo, bem como sobre a falência dos universais e temos diante de nós duas situações - pelo menos as mais claras- o sujeito neurótico que vem fazer análise e o sujeito psicótico que eu encontrei no corredor em algum lugar. Como eu vou dirigir o tratamento nos dois casos? Eu posso me apoiar nas crenças. Se se tiver a sorte de estar começando como analista e acreditar que todo mundo sabe para onde vou eu posso levar aquela coisa sem saber para aonde vai e acabar indo. Mas uma hora eu posso ir à minha própria análise, que esse ir não está padronizado. Aí eu posso cair na objeção pragmática. Se o "ir" não está padronizado então para que ficar se preocupando com padronização. Porque a gente não pode pensar assim? Isso seria uma conduta pragmática no bom sentido de uma análise.

Contrato e Lei

Essa idéia nos traz uma outra. Queremos mostrar que esse pragmatismo que agente tem uma espécie de horror é o nosso mundo e que nós que somos seres estranhos quando achamos que isso é absurdo. Existe um seminário do Jacques Alain Miller com o Jean-Claude Milner: Você quer mesmo ser avaliado? Eles passam um longo tempo discutindo contrato e lei. Nós vivemos hoje num mundo do contrato e não da lei. A lei é isso que esperamos: qual vai ser a lei dessa análise? Qual é a verdade dessa análise, do seu desejo. Se dissermos não tem nada, para onde vamos? Já é um impasse difícil de defender isso num mundo regido pelos contratos. O contrato se opõe à lei por que ela diz o que não se pode fazer. O resto todo você pode fazer, tudo que não está previsto nos estatutos se pode inventar. Vê-se como a psicanálise nada às braçadas nesse lugar. Quem está nesse ambiente tem certos problemas com lei, mas também tem todo um mundo de transgressões, semi-transgressões coisas autorizadas e meio-autorizadas. Próximas a lei. Então isso é o regime da lei. O regime do contrato é o

contrário. Tudo que disser o contrato tem que ser feito. O que não constar no contrato não pode ser feito.

No segmento de realidade em que opera um contrato, a margem de manobra com aquilo que resta do contrato é quase mínima, e inexistente. O contrato prevê certa localidade de vida regulada. O contrato é a forma de vida adequada à pluralidade de formas de vida.

Todo lugar tem contrato. E mesmo que o contrato não seja anunciado. É um outro tipo de prisão. Você vai receber não romper o contrato então o contrato passa a valer. O problema da lei é que se diz o tempo todo que quer, mas como? Se for proibido. Esse é o impasse clássico do neurótico obsessivo, como dizer que quero se ao fazer isso é o fim.

Então no caso do contrato tem-se que dizer o tempo todo o que se quer porque senão vão achar que se quer outra coisa. Então isso é uma região localizada da vida que está sendo regulada pelo contrato. O gozo está em outro lugar. A questão é: Como trazer o Gozo para esse contrato. Ele não vem pela janela. O contrato define todas as cláusulas dele mesmo.

Então o contrato de análise quando agente senta com um sujeito. Nós costumamos chamar isso de contrato (mas contrato não no sentido do qual estamos falando aqui) e já é muito para Lacan que fala que não se deve ficar enunciado contrato. Quanto mais suspenso, menos claro o que não pode e mais vai aparecer aí o "Não pode" daquele sujeito. No regime da lei não se deve anunciar os contratos. Agora, no regime dos contratos, menos ainda. Porque se você anuncia o contrato só vai poder acontecer o que está previsto. Nada além disso. Temos perigo pela frente, pois um paciente que chega aos Estados Unidos e doutor não preveniu tal e tal coisa é quebra de contrato ele tinha direito a essa informação.

O problema do psicótico. Ele não tem esse problema, e mais ainda, é ele que nos resolve. Ele nunca trabalhou com contrato, num mundo cheio de lei ele não se submeteu a ela. E num mundo de contrato ele não faz contrato. Mas ele vive sem fazer contratos universais e por isso sem estar preso a eles. Então tem algo a aprender.

Se nós ficarmos apenas com o banquinho do Joyce, vamos supor que ele fez uma espécie de montagem de elementos dispersos de uma vida que se aglutinaram de tal forma que o sujeito consegue vir daquilo, dar um lugar ao Outro para aquilo e ainda por cima resolver o impasse que é ele com relação ao próprio gozo. Aquele texto do trovão de James Joyce é um exemplo. Por exemplo, aquelas manchetes no jornal. Vamos supor que alguém ganha à vida transformando aquilo numa obra de arte. Não tem contrato, não tem lei e ainda assim tem uma solução. Para que agente fique na idéia de ter que vender quadros essa é a solução.

Pragmática do sinthoma

Agora chegamos ao ponto de Lacan, que propõe uma pragmática fundada em um não universal. A idéia é que esta montagem, que chamaremos com Lacan de Sinthoma, supõe uma pragmática, um certo e um errado, a partir daquela montagem. Isso é o mais importante. É possível se pensar que a partir de uma solução singular existem coisas que podem ser feitas e outras que não podem. Não que o sujeito não consegue. Mas sim que tem coisas que podem e outras que não dada uma situação. Aquela solução vale para vida no tempo que durar. Mas enquanto ela durar ela será eterna e enquanto isso há coisas que pode e que não podem ser feitas. E o sujeito produtor dessa solução pode não saber. Mas o secretário do alienado sabe. Tem como dirigir o tratamento partindo de uma espécie de nó onde você é obrigado a produzir, a encontrar ou propor, ou recriar com seu paciente. Isso vale para psicose e em certa medida também para a neurose.

Há muitos exemplos onde vocês podem ver que há algo que determina esse possível e impossível. E não por que isso é uma muleta e só dá para anda

vagarosamente. Se for uma muleta significa que ele não pode querer ser um corredor e se querer isso é uma burrice. É isso pode ser dito para ele. E que o lugar que ele ganhou no Outro não é o de corredor.

Notas estabelecidas por Leandro Reis